Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1049

20 de Fevereiro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Os Novos Reis da Suecia

S. M. O REI GUSTAVO V

S. M. A RAINHA SOPHIA

Chronica Occidental

Todos os dias novos factos dão razão áquelles que attribuem á imprensa uma perigosa influencia contagiosa na fórma epidemica das differentes monomanias, pelos pormenores excessivamente esmiuçados que ella dá de todos os actos de crime e de loucura.

Quanto mais o crime é cercado de misterios e de circunstancias extraordinarias, quanto mais o acompanham a astucia e o requinte de malvadez, quanto mais impenetraveis foram as suas causas, quanto mais as narrativas feitas pelo jornal foram pitorescas e comoventes, mais e mais fecunda é a sua influencia imitativa em ensinamentos perigosos.

No momento em que as paixões, ocultas nas mais reconditas sinuosidades do coração, imperiosamente exigem ser saciadas, de promto o braço fere e dirige os golpes por aquelles onde já se conhecia a precisão e o exito.

A experiencia certifica que o exemplo, alliando-se á obcecação, póde influir e exaltar certos espiritos até á vertigem e á mania do crime.

Como a badalada d'um sino faz vibrar todos os outros sinos que estão em consonancia, ou como uma corda dedilhada faz resoar as que lhe são unisonas, assim basta estabelecer essas relações de egualdade ou de proporção entre individuos, para que elles participem das mesmas afecções. Esta imitação é tão natural, que se opera independentemente da vontade.

A grande publicidade dada aos casos de homicidio, como aos de suicidio, constitue uma das causas mais poderosas da propagação do assassinato. Quem habitualmente leia jornaes, verificará que é quasi sempre por séries que se dão os homicidios.

Os nossos actos não são executados ao acaso; todos elles, os mais simples e inofensivos, como os mais graves e criminosos, são resultante de um conjuncto de circunstancias; todos obedecem a um determinismo mais ou menos complexo, e muitas vezes dificil de surpreender e de precisar. As variadas causas que levam ao crime pódem ser externas e internas, ou sociaes e individuaes.

Os criminosos são muitas vezes alienados, mais frequentemente do que muita gente imagina, ou se o não são para lá caminham. Recrutam-se nos degenerados de todas as categorias, nos alcoolicos, nos obsediados, nos impulsivos, nos fracos de espirito, nos melancolicos, na infinita multidão dos mal dotados para a lucta pela vida e que, á mais leve contrariedade, vêem surgir deante de si, como fantasma, a idéa do crime.

Mas sabe-se como, collaborando com as causas internas, individuaes, e quantas vezes influindo sobre individuos sãos de espirito, a sociedade, por modos diversos, impulsiona e conduz ao crime. E é para este grave resultado que a imprensa contribue, leviana e nefasta. Com a descripção mais que minuciosa que faz dos crimes, ella arma melhor a mão do criminoso, sugere-lhe novos meios de acção, aperfeiçoa-o, educa-o, incita-o a aproveitar a experiencia dos que o precederam.

Uma numerosa clientela de psychopathas busca

sofregamente nos jornaes esses relatos emocionantes que constituem sua leitura predilecta. Sabe-se que os suicidios e os homicidios augmentam progressivamente e são mais frequentes nas cidades do que nas aldeias. Mas, se é certo que a causa mais poderosa d'este facto deve procurar-se na intensidade da vida economica, não contribuirá tambem para elle a imprensa, com o desenvolvimento que toma de dia para dia, com a divulgação rapida d'esses maus acontecimentos, com o frenesi de dar sensações intensas e novas, como se não bastasse já tanta desafinação da vida intellectual e affectiva e tanta perversão nos actos do homem?

Este contagio nervoso estimulado pela imprensa parece provarem no, cada dia, os crimes que se succedem aos crimes, e que por muito são copia uns dos outros.

A descripção do crime de Troppmann faz subir um dia, espantosamente, a tiragem do *Petit Journal*, e a essa divulgação se segue de promto toda uma série pavorosa de crimes semelhantes. Dois rapazes, Bruiller e Serreau, estrangulam uma vendedeira, são presos e confessam que esse crime lhes foi sugestionado por a leitura de um romance de Delmons.

Houve um tempo em que, á oppressão da dôr, ao gravame da vergonha, ao aniquilamento da esperança, o unico asilo, permittido pela religião e pelos costumes, era o mosteiro. Hoje, á medida que as portas dos conventos se vão fechando, outro negro refugio se abre aos tristes e aos desesperados. Esse refugio é o suicidio.

A idéa do suicidio não se implanta repentinamente num cerebro. Ou seja producto da hereditariedade, ou tenha unica origem no individuo que d'ella é victima, não deixa em qualquer dos casos de se revelar num periodo adeantado de degenerescencia. Ora a nevrose dos degenerados póde resolver-se em genio, loucura, vicio, suicidio e crime. Nada pois mais facil que o degenerado enveredar pelo crime, empregando contra outrem o revolver ou o vitriolo em vez de attentar contra a propria vida.

Admittindo que o crime não foi calculado e friamente resolvido pelo criminoso; partindo de que a idéa do homicidio, — supondo-se um caso de homicidio — se apresentou ao assassino face a face, continuamente o perseguiu e com elle insistiu para que elle a aceitasse e abraçasse, como se realisou essa perseguição? Como se impoz ao espirito doentio do facinora o proposito do seu crime, e se lhe metteu no cerebro, e lá se poz a latejar com o isochronismo lugubre d'um péndulo? Foi a imitação, que resolveu uma crise mental d'esse predisposto ao crime.

Observe-se a influencia innegavel dos exemplos nos casos mais triviaes da vida, e considere-se que não ha razão alguma para ella deixar de actuar nas acções graves do homem.

Muitas vezes o bocejo, o comer, certos olhares não são mais do que um effeito imitativo. E, se d'estes simplicissimos factos subirmos a outros de ordem muito mais elevada, assistiremos a crimes commettidos só como consequencia da familiarisação dos criminosos com outros criminosos.

A convicção da realidade d'este contagio pelos jornaes motivou já que um respeitavel congresso internacional de criminalogistas convidasse a imprensa de grande circulação a abster-se de relatar os crimes terrorificos e emocionantes, especialmente os passionaes, afim de evitar a impressão que a sua leitura podesse produzir em individuos degenerados e propensos á pratica de actos semelhantes, incitando-os á imitação.

Se acrescentarmos á perniciosa influencia do relato dos crimes, como modernamente o fazem os jornaes mais espalhados entre as camadas populares, o lastimoso desvario de alguns d'esses jornaes, levado a ponto de glorificarem certos criminosos, illimita se o perigo que corre a sociedade e não se sabe mais o que seja respeito humano e garantia individual.

Factos como esse que não se soube evitar, e a que Lisboa teve de assistir ha poucos dias — a manifestação junto das sepulturas dos assassinos do Rei e do Principe herdeiro — nunca deveriam ser annunciados nem relatados pela imprensa.

Que ella os não annunciasse, e implicitamente ficaria dispensada de os relatar — porque então, devemos crê-lo, taes factos se não dariam. Enaltecer o crime é ser cumplice nelle.

João Prudencio.

Os Novos Reis da Suecia

A morte do rei da Suecia Oscar II, ocorrida em 8 de dezembro ultimo, como referiu o Occidente de 20 daquelle mez n.º 1:043, determinou a subida ao trono de seu filho primogenito o principe Oscar Gustavo, o qual logo prestou juramento na presença do conselho de ministros para esse fim reunido.

Oscar Gustavo Adolpho principe real da Suecia e Noruega, duque de Vermland, nasceu no castélo de Drottningholm a 16 de junho de 1858, filho do rei Oscar II e da rainha Sophia.

Casou em Carlsruhe a 20 de setembro de 1881 com a princesa Sophia Maria Victoria, que nasceu a 7 de agosto de 1862, filha do Gran-Duque Frederico de Bade.

Deste casamento tem havido os seguintes filhos: Oscar Frederico Guilherme Olaf Gustavo-Adolpho, duque de Scanie, nascido em Stockholm a 11 de novembro de 1882; Carlos Guilherme Luis, duque de Sudermanie, nascido no castélo Tullgarn a 17 de junho de 1884; Eurico Gustavo Luis Alberto, Duque de Vestmanie, nascido em Stockholm a 20 de abril de 1889.

O novo rei da Suecia adotou o nome de Gustavo V. Tem ocupado altos cargos no exercito de que é general e comandante do regimento de granadeiros a cavalo e inspetor geral das escolas militares. Os seus estudos cientificos deram-lhe entrada na Academia Real das Ciencias de S. Petersburgo, como socio honorario.

Até ao presente é este o quinto soberano da Suecia com o nome de Gustavo, tendo sido o primeiro o fundador daquella dinastia e faleceu em 1560; Gustavo II, cognominado o *Grande* foi morto na batalha de Lutsen em 1632; Gustavo III foi assassinado num baile de mascaras, em 1792, por um dos seus oficiaes de nome Anckasstroem, e foi um grande politico; Gustavo IV foi notavel escritor e abdicou indo viver para a Alemanha, sob o titulo de conde Gottorp e coronel Gustafuson, na Suissa, faleceu em 1837. Deixou os livros *Memorias do coronel Gustafuson* e *Suecia em 1808-1809*.

O novo soberano é bastante ilustrado e mostra-se muito democrata.

As ultimas noticias dizem que o rei Gustavo V dispensa a ceremonia da coroação, que não se compadece com as modernas ideias democraticas e muito menos com a boa administração economica do pais, evitando assim despesas superfluas para o estado e para o povo.

O novo rei da Suecia enviou a Portugal o sr. conde de Stromfeels como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, o qual foi recebido em audiencia solemne por Sua Magestade El Rei D. Manuel, no dia 19 do corrente.

Os funeraes de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luis Filipe

Durante os sete dias que decorreram desde o atentado até o funeral, houve uma constante peregrinação de pessoas de todas as classes sociaes ao paço das Necessidades a apresentar suas condolencias á familia real, inscrevendo seus nomes nos quatros livros para esse fim colocados na sala de espera. Telegramas recebidos de todo o pais e do estrangeiro se acumulavam nas bandejas de prata e eram apresentados a Suas Magestades.

Nos ultimos dias foram chegando nos comboios os representantes dos monarcas estrangeiros e embaixadores extraordinarios das potencias, para tomarem logar no funebre cortejo, como adeante se relata.

Foram tomadas todas as precauções de segurança em volta do paço real, guardado por forças do regimento 16 de infantaria e cavalaria, que cercavam todas as imediações, só deixando passar os moradores da rua das Necessidades, as pessoas empregadas no paço e as que ali iam levar suas condolencias.

Suas Magestades El-Rei D. Manuel e Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, que veio todos os dias do paço da Ajuda, receberam algumas pessoas de mais intimidade ou categoria, com quem desafogaram a sua grande dôr.

Sua Alteza o Sr. D. Affonso instalou-se durante aquelles dias no paço das Necessidades.

* * *

No dia 8 realisou-se o funeral, como estava determinado.

Nesse dia apesar de toda a luz do sol que o alumiou, como em plena primavera, Lisboa apresentava triste aspéto. Os estabelecimentos quasi todos fechados e outros com meias portas cerradas, as bandeiras descidas mal se moviam ao vento e a população, que convergia para as ruas por onde devia passar o funebre cortejo, deixava o resto da cidade deserta e silenciosa.

Pelas 9 horas da manhã principiaram as tropas a formar alas desde o largo das Necessidades, desenvolvendo-se pela rua do mesmo nome, travessa do Sacramento, ruas de S. Francisco de Paula e das Janellas Verdes, rampa de Santos até ao Aterro, onde se postou a artilharia, composta dos regimentos n.º 1, baterias de metralhadoras e companhia a cavalo. Para aumentar estas forças vieram alguns contigentes dos regimentos das provincias.

Entretanto na capéla do paço das Necessidades, desde as 8 horas da manhã que se celebravam missas pelos capelães da Casa Real e pelos rev.^{mos} Bispo de Beja e Arcebispo de Braga, as quaes foram ouvidas por Suas Magestades e dignitarios de serviço no paço.

A capéla fôra armada em camara ardente, para o que forraram o této de crepes e foi colocado no altar-mór um espaldar roxo com bordaduras de ouro velado de crepes. Na frente armaram-se tarimbas inclinadas onde depositaram as urnas com os regios cadaveres a par, colocado á direita o de El-Rei D. Carlos e á esquerda o do Principe D. Luis Filipe. Ao centro das urnas uma grande cruz de flôres, como que guardava os dois feretros. Numerosissimas corôas todas muito ricas estavam ali, sendo retiradas na vespera do funeral para ornamentarem a egreja de S. Vicente. A porta da capéla real conservou-se sempre fechada. Cerca das 11 horas foi levantada da eça a urna do Principe Real, sendo conduzida até á porta da capéla por doze moços de estribeira. A' frente seguia o sr. conde de Figueiró e atraz os srs. visconde de Asseca, que conduzia a espada de sua alteza, e marquez do Lavradio, que conduzia o capacete. Colocada a urna no respectivo coche, foi levantada a que continha o cadaver de El-Rei, sendo conduzida por grande numero de moços de estribeira. Atraz seguiam os srs. D. Fernando de Serpa, com a espada, tenente coronel Charters de Azevedo com o capacete, e Guilherme Capello, conduzindo a corôa real.

Até aos coches os regios cadaveres foram acompanhados pela irmandade da Senhora da Saude e pelos capelães da colegiada da real capéla das Necessidades.

Dentro dos coches, as urnas foram cobertas com a bandeira nacional, sendo corridos os pannos de velludo preto, franjado a ouro, que cobriam os dois coches funebres e o de respeito. Os feretros iam assim occultos á vista do povo.

A's 11 horas e tres quartos começou o desfile do cortejo. Rompia a marcha um esquadrão de cavallaria, seguindo-se uma extensa fila de cerca de duzentas carruagens, conduzindo pessoas das differentes classes sociaes. Viam-se ali representadas: a magistratura, exercito, marinha, commercio, industria, academias, funccionalismo, pares do reino, deputados, ministros de estado honorarios e effectivos, conselheiros de estado, presidentes das camaras dos pares e municipal, juizes do Supremo Tribunal e Relação, casa civil de El-Rei, officialidades dos regimentos de infantaria 16 de Castella, de infantaria 20 da Prussia, e do regimento de Oxfordshire.

Depois da extensa fila de carruagens iam os coches, pela ordem seguinte:

1.º Berlinda de D. Pedro II, com os camaristas de El-Rei e Principe: conde de S. Lourenço, D. Vasco da Camara (Belmonte), marquez de Castello Melhor e D Fernando de Serpa.

2.º Berlinda de D. Pedro II, com os srs.: conde de Sabugosa, duque de Loulé, conde de Figueiró e barão-marquez de Alvito.

3.º Coche de D. Carlota Joaquina, com sua alteza o principe Guilherme de Hohenzolern, infante D. Carlos, de Hespanha, duque de Guise, e conde de Waluvitz.

4.º Coche de D. Carlota Joaquina, com o nuncio de Sua Santidade, embaixadores da America do Norte, Brazil e Prussia.

5.º Coche de D. José, com o principe de Dietrichetein, conde de Ormesson, conde de Vermisck e mr. Van Zeller, embaixador da Turquia.

6.º Coche de D. Anna Victoria, com os principes Eitel Frederic, principe de Connaught, conde de Turim e D. Fernando da Baviera.

7.º Coche de D. Maria de Saboya com os sacerdotes e acolytos da collegiada das Necessidades.

8.º Coche do infante D. Francisco, com o sr. vice-almirante Guilherme Capello, conduzindo a corôa real.

9.º Coche do papa Clemente XI, com os officiaes, acima referidos, que conduziam as espadas e capacetes de El Rei D. Carlos e do Principe Real.

10.º Coche de respeito.

11.º Coche, conduzindo a urna com o cadaver do Principe Real.

12.º Coche, conduzindo a urna com o cadaver de El-Rei D. Carlos.

Na retaguarda do cortejo iam as tropas que estavam formadas no percurso.

Na impossibilidade de tomarem logar nos coches todos os representantes estrangeiros, alguns dirigiram-se de carruagem a S. Vicente.

No cortejo iam os coches dos principes e embaixadores estrangeiros ladeados e escoltados por cavallaria.

As nações que se fizeram representar foram as seguintes:

Allemanha — Sua alteza o principe Eitel Frederic; mr. Von Lettowi Vorbeth, marechal da côrte; barão de Schilling Constatt, tenente-general de cavallaria de Lindequist, ajudante de campo do Imperador; major barão de Senden, e uma deputação do regimento de infantaria, composta de quatro officiaes.

America (Estados Unidos) — Mr. Charles Page Bryan.

Austria — Sua alteza o principe Dictrichstein e conde Henrz de Hoyos.

Belgica — Visconde de Jonghe d'Ardoya, senador, em missão especial; conde Leopoldo Vander Stein Jekaya e visconde Th. d'Ardago.

Brazil — Dr. Alberto Fialho, e uma deputação militar composta dos srs. tenente-coronel Maldonado da Fonseca, 1.º tenente Manuel Correia do Lago e 2.ºs tenentes Paulo Gomido e João Cruz.

Bulgaria — General Meybel Sayon.

China — Cion She-Shun.

Cuba — Eduardo de Moser, consul em Lisboa.

Dinamarca — Conde de Rovemtlom.

Equador e Chile — Martin Weinstein.

França — Conde de Ormesson, contra-almirante Peroiae, commandante Schlumberger, Guirard, secretario da embaixada e visconde de La Panouse, addido militar em Madrid.

Grecia — Bleck, consul em Lisboa.

Hespanha — Sua alteza o infante D. Fernando da Baviera, representante com caracter de embaixador extraordinario; marquez de Castelar, grande de Hespanha; D. Joaquim Aguila Ramos, tenente-coronel de infantaria e ajudante de ordens de sua magestade; D. Pedro Canaya de la Ouratana, 1.º secretario da embaixada.

Hohenzollern — Sua alteza o principe Guilherme de Hohenzollern.

Inglaterra — Sua alteza o principe Arthur de Connaught; almirante Curzon Howe, e uma deputação militar do regimento de Oxfordshire.

Italia — Sua alteza o conde de Turim, como representante do embaixador extraordinario.

Japão — Shiro Akabané.

Mexico — D. João A. de Beistegui, e o 1.º secretario da legação D. Luiz de Torres.

Monaco — Conde d'Awisoeitl.

Noruega — Barão Wedel Jarisberg.

Paizes Baixos — Mr. Jonkice Testa.

Paraguay — Alexandre de Vasconcellos e Sá.

Persia — Vesnitch.

Republica Argentina — Jacintho Villegas.

Russia — A. de Koyander.

Saxonia — Conde de Walwistz e mr. Riedermann, secretario da embaixada.

Saxe Coburgo — Mr. Meyern.

Servia — Mr. Vesnisek.

Sião — Principe de Charoom.

Suecia — Conde de Stromfelt, com missão especial.

Suissa — Jules Mange.

Turquia — A. Wan Zeller, consul em Lisboa.

Uruguay — Adolpho Masson.

Durante todo o percurso do prestito funebre nada occorreu de notavel, a não ser um desastre, originado pela queda de uma parte da cobertura de zinco do mercado da Ribeira Nova, sobre que estavam umas trinta pessoas, das quaes seis se feriram bastante. Foram victimas da sua imprudencia.

Depois d'este incidente, que causou grande susto, o prestito seguiu o seu destino até á egreja da Conceição Velha, onde os coches funebres pararam alguns minutos para serem encommendados os cadaveres, pelo respectivo sacerdote, que ali estava com a irmandade de cruz alçada.

Muito antes da chegada do cortejo a S. Vicente, já ali se viam postados os alumnos da Escola do Exercito, da Escola Naval, bombeiros voluntarios de Cascaes. etc. Cerca da 1 hora da tarde chegaram a S. Vicente os primeiros coches. Nos patamares da escadaria estavam dois descansos para as urnas, e, junto d'elles, a irmandade da Misericordia, com o seu antigo painel, aguardava os cadaveres. Mais em baixo estavam os dignitarios e officiaes-móres, que tinham de dirigir os funeraes.

A urna contendo o corpo do principe real foi a primeira a ser retirada do coche, e em seguida a de el-rei D. Carlos. Ambas foram levadas para os descansos do primeiro e segundo patamar, entoando-se os responsos.

Dentro da egreja, collocaram-se as duas urnas nuns descansos, em frente do altar do Santissimo. Nesta occasião o aspecto do templo era tristissimo.

As frestas e janellas tinham sido veladas com pannos pretos, de fórma que a egreja estava apenas illuminada pelas luzes dos tocheiros e das lampadas, envoltas em crepes. No cruzeiro, a cada um dos lados, erguiam-se enormes pyramides de corôas funerarias, das quaes tambem se viam algumas penduradas pelas paredes. Nas tribunas estavam os membros do corpo diplomatico, pares do reino, etc. Na capella mór, do lado da Epistola, tomaram logar os principes e embaixadores estrangeiros; e do lado do Evangelho, o cardeal Netto, patriarcha resignatario, bispos de Beja, Lamego e Porto, e arcebispo de Calcedonia, Mitylene, Guarda, Evora e Braga. A assistencia era numerosissima.

Passando as urnas para as eças, iniciaram-se os suffragios, presidindo o actual sr. patriarcha ao *Libera-me*.

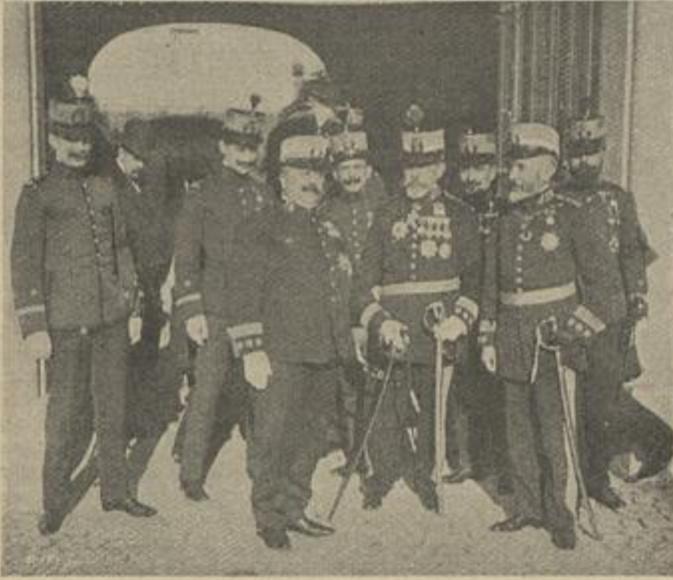
Terminadas as ceremonias religiosas do funeral, foram dadas as salvas e descargas da ordenança. As tropas regressaram aos aquartelamentos, rompendo a marcha a Escola Naval, seguindo-se-lhe a Escola do Exercito, corpo de marinheiros, regimentos de engenharia, artilharia, caçadores, etc.

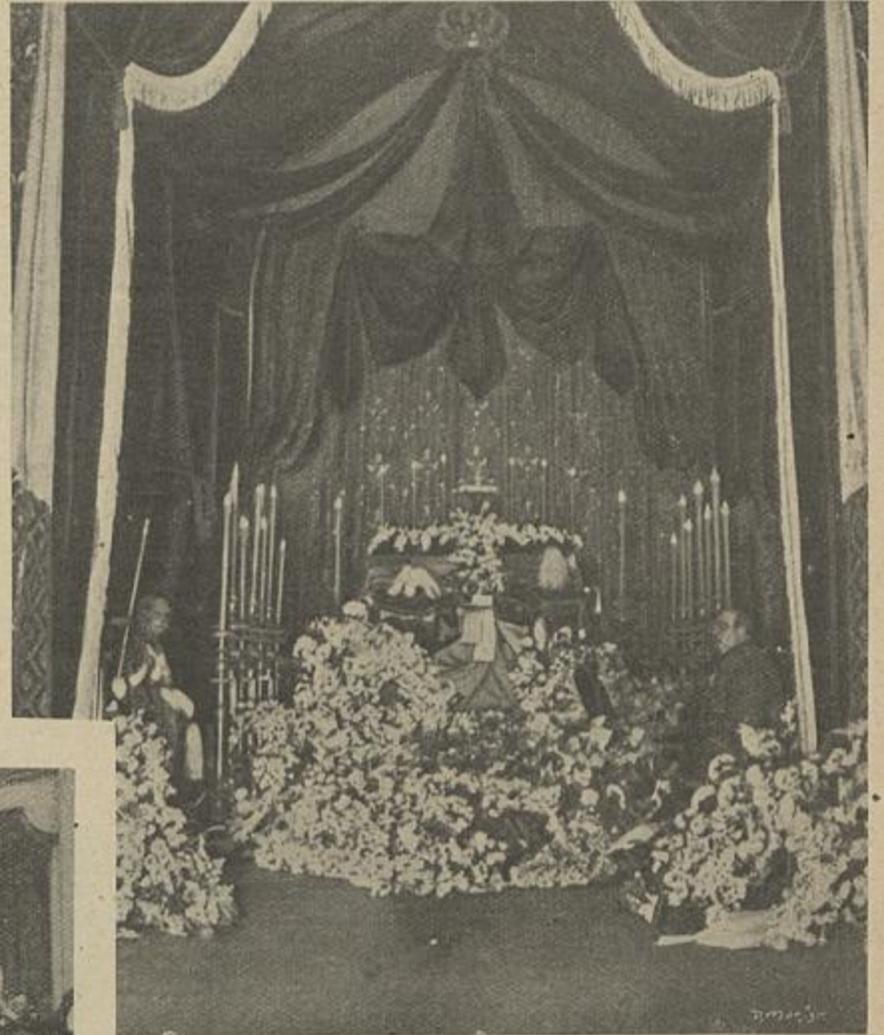
Durante os dois dias seguintes os cadaveres ficaram em exposição, sendo vistos por cerca de cem mil pessoas. Na segunda-feira 10 do corrente realisou-se a transferencia das urnas da egreja para o Pantheon.

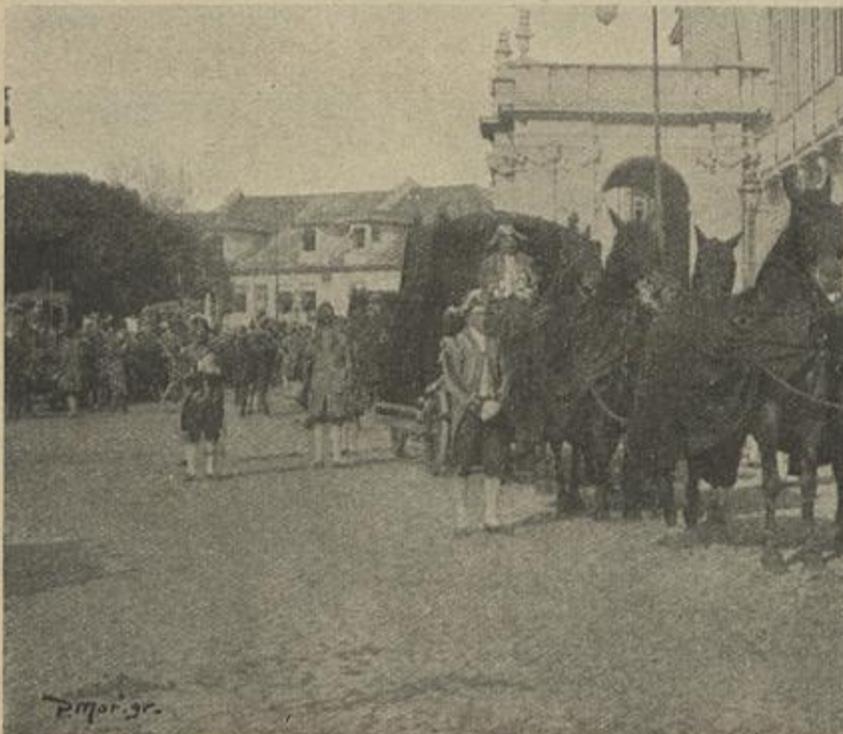
N'esse dia, cerca das três horas da tarde, cantou-se o *Libera me*, officiando o sr. patriarcha, D. Antonio. Ao som do *Benedictus*, organisou-se o primeiro cortejo conduzindo a

ENVIADOS EXTRAORDINARIOS, REPRESENTANTES DAS POTENCIAS ESTRANGEIRAS, NOS FUNERAES DE EL-REI D. CARLOS E PRINCEPE D. LUIS FILIPE

(Clichés de Alberto Lima)

Os Funeraes de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luis Filipe

OFICIAES DO REGIMENTO 16 DE INFANTERIA DE CASTELA, DE QUE EL-REI D. CARLOS ERA CORONEL HONORARIO, E QUE VIERAM REPRESENTAR O SEU REGIMENTO, NOS FUNERAES

(Cliché Alberto Lima)

A CAMARA ARDENTE, NA CAPELLA DO PAÇO DAS NECESSIDADES

(Cliché Alberto Lima)

SAHIDA DOS FERETROS DA CAPELA DAS NECESSIDADES *(Cliché Benoliel)* — O PRESTITO FUNEBRE NO LARGO DAS NECESSIDADES *(Cliché Alberto Lima)*

Os Funeraes de El-Rei D. Carlos e do Princepe D. Luis Filipe

Os coches reaes conduzindo os representantes das potencias, escoltados pela cavalaria

A guarda dos archeiros

A camara municipal de Cascaes e outros representantes

(Clichés C. Moutinho de Almeida)

Chegada do prestito funebre a S. Vicente de Fóra

(Cliché Benoliel)

urna do principe real para o Pantheon, entre alas de soldados da guarda real dos archeiros.

Abria o prestito a irmandade do Santissimo com brandões acesos. Em seguida iam os cantores da sé, entoando antiphonas, a collegiada e o cabido, levando á frente os maceiros e a cruz alçada do patriarchado, o sr. patriarcha e acolytos, e o sr. bispo de Beja, tendo ao lado os flabellos.

Precedendo a urna iam os dignitarios srs. duque de Loulé, marquezes de Castello Melhor e da Foz, condes de Figueiró, Sabugosa, Alcaçovas e de Mesquitella.

Após a urna iam o ministerio, officiaes da casa militar, e as pessoas que tinham assistido ás ceremonias religiosas. Deposto o feretro no local determinado, voltaram todos ao templo, organisando-se o prestito com a urna de el-rei D. Carlos, pela mesma fórma e com o mesmo ceremonial do anterior.

Collocadas as urnas no Pantheon, foi lançada a absolvição pelo sr. patriarcha. Em seguida, o sr. conde de Sabugosa fez entrega dos cadaveres ao prelado, sob cuja guarda ficam, pronunciando o devido juramento.

Dos autos que ali se leram e assignaram, consta que el rei e o principe real falleceram ás 5 horas da tarde do dia 1 de fevereiro, no Terreiro do Paço; descrevem-se as medidas e feitios dos caixões e urnas que encerram os cadaveres; ratificam se os juramentos do conde mordomo-mór em como os cadaveres são os proprios, e declara-se que as chaves dos ataúdes são entregues, umas ao prelado e outras ao ministro do reino.

Ainda não eram quatro horas da tarde quando terminaram a leitura e assignatura dos dois autos e seus duplicados, sendo os primeiros destinados ao archivo da Torre do Tombo.

Estes documentos testemunham um dos acontecimentos mais tragicos da historia portuguêsa.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIII

(Continuado do n.º 1046)

O decreto que creou a Escola Politecnica, creou conjuntamente um observatorio astronomico, um gabinete de historia natural e um jardim botanico, sem falar nas instalações acessorias de um gabinete de fisica e de um laboratorio quimico.

O interessante museu, que se faculta ao publico ás quintas feiras, e que é, sem duvida, uma instalação que honra os seus conservadores e a Escola, teve na Ajuda o seu primeiro asilo e de lá vem decerto o uso da sua abertura aos visitantes naquelle dia.

Em 1808 sofreu elle um grande desfalque. Junot, tomando posse de Lisboa em nome do Imperador, entendeu que devia ir tambem locupletando, com *h nestissimas* expoliações, os museus francêses e nesse patriotico impulso expediu uma ordem ao sabio Dr. Domingos Vandelli, conservador do museu, ordenando-lhe fizesse imediata entrega a Geoffroy Saint-Hilaire de tudo quanto este naturalista apetecêsse.

Que fazer nesta conjuntura? Resistir á ordem do general? Entregar tudo conforme o mandato?

Não sei que inspiração, que acaso ou que medo resolveu á perplexibilidade de Vandelli. O que é certo é que Saint-Hilaire retirou muito agradecido do museu, levando uma bôa achega de exemplares para o museu de Paris que lá ostenta hoje, nada menos de 1580, aos olhos dos entendidos e dos curiosos (1). A sciencia, forçoso é confessa-lo, é que ganhou alguma coisa com o roubo (chamemo-lhes o nome devido) porque esse milhar e meio de objetos, estão lá todos devidamente catalogados e numerados, facto que decerto não succederia se ficassem na Ajuda.

As desfalcadas coleções, que ainda ali se guardavam, foram mandadas transferir para a Academia Real das Sciencias, por decreto de 27 de agosto de 1836 e incorporadas no museu daquella agremiação, onde ficaram mal installadas mas um pouco mais seguras da rapina.

Entretanto foi desastrosa essa mudança. Perderam-se muitos exemplares, deterioram-se outros e os rótulos, que os classificavam e separavam, cairam quasi todos. Para cumulo da desgraça, á chegada á Academia colocaram-nos outra vez, mas foi peor a emenda que o soneto, porque a aposição dos rotulos foi feita ao acaso, precipitadamente, o que deu em resultado uma baralha de tal ordem que só muitos annos de paciente estudo conseguiram classifica-los e ordena-los novamente.

A instalação foi, por consequencia, deficientissima e nem a Academia tinha acomodações para o museu. Deu isto origem a que esta solicitasse do governo a transferencia das coleções para sitio mais amplo e proprio. Ao mesmo tempo, na secção inaugural da abertura das aulas da Politechnica, no anno letivo de 1856-57, o diretor interino daquelle estabelecimento, perante el-rei D. Pedro V, que sempre assistia áquellas solenidades, propoz essa mesma mudança. Isto calou no animo do monárca. O governo tomou imediato interesse e removidas algumas dificuldades foi ordenada a transferencia por carta de lei de 9 de março de 1858. (1)

(Continúa.)

G. de Matos Sequeira.

(1) A *Gazeta de Almada*, mas dado á publicidade, este mês ainda, pelo capitão de mar e guerra João Braz de Oliveira e que constitue um bello documento subsidiario para a historia da invasão de Junot, lá se refere tambem a esta expoliação.

(1) *Historia dos Estabelecimento Scientificas*, etc., já citada — Volume 12.º — Paginas 267.

POESIAS DE RAMOS COELHO

Vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez

O distintissimo cultor das letras patrias e respeitavel ancião que se chama Ramos Coelho, fez imprimir num volume todas as traduções das suas inspiradas composições poeticas, nas linguas acima referidas, pelos srs. Thomaz Cannizzaro, Prospero Peragallo, Solon Ambrosóli, Luiz Brignoli, José Benoliel, Lamarque de Novôa Göran Björkman, Guilherme Storck, Achilles Millien e Henrique Faure, escritôres de individualidade justamente consagrada nos respetivos paizes e que em similhante versão do poeta portuguez honraram este cantinho do estremo-ocidental da peninsula, divulgando lá por fóra taes belezas de liricas harmonias, sentidas sob o céo privilegiado onde ecoou a voz de Camões, de Herculano, de Garrett, de Castilho, de Soares de Passos, de João de Lemos, de tantos eleitos daquella divina sonhadora, de que Ramos Coelho diz assim:

«A poesia não morre; não consomem
«Os seculos seu fogo omnipotente;
«Com o homem nasceu; é parte do homem,
«Com elle viverá eternamente;

«E, se um dia acabar a humanidade,
«Com a sua divina companheira,
«A voz de Deus, transpondo a immensidade,
«Tornará para a patria verdadeira.

JOSÉ RAMOS COELHO

Precede o ilustre autor o texto do volume por umas linhas de introito — *Duas Palavras* — que remata nos termos seguintes:

«Nada mais me resta senão pedir o louvor do publico para os illustres traductores por mais este serviço que prestaram ás nossas lettras e indulgencia para as minhas poesias.»

Revela-se neste periodo o homem bom e o obreiro modesto, — a justiça e a obra, despidas de orgulho e de jatância.

Induljencia! — vibras e fazes vibrar nas cordas d'alma tão fundo sentir, são tantas as surprêsas da tua lira e ás vezes de tal modo arrebatora a imajem primorosa dos teus cármes que, solicitar induljencia, quasi significa um atentado incompativel com circunstancias dirimentes.

Quem ha ahi, que levasse a efeito a interpretação completa e admiravel com que enriqueceste a lingua de Vieira, vertendo para portuguez a obra prima do Tasso?!

Silencio, porém; impõe-m'o a virtude nobilissima que te moveu a penna com que pediste induljencia.

Vejam-se na luz deste espelho venerando os novos, precipitados, côlham e aproveitem a lição do mestre, grande de facto e não pelo favor da imprensa.

Tudo pela patria e á patria; eis, creio, a sua divisa.

Portanto, honra e louvor a Ramos Coelho.

D. Francisco de Noronha.

CIENCIA MODERNA

Um novo observatorio meteorologico

Por iniciativa da *Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra* que se destina unicamente a augmentar as bellezas de tão famigerada villa, estabeleceu-se um observatorio meteorologico, na villa de Cintra, no local denominado Estefania, e provisoriamente installado na casa do sr. Branco, proprietario da conhecida papelaria da Rua do Ouro, que gentilmente cedeu o seu mirante para esse fim, até que o observatorio definitivo, que ha de ser construido no local onde era o antigo cemiterio das Murtas, esteja concluido. Os instrumentos de registo e os demais indispensaveis para o estudo da meteorologia, são fornecidos pelo observatorio do infante D. Luis em Lisboa, vindos expressamente para esse fim, da casa Richard de Paris.

Nós que nos interessamos por esta sciencia, apraz-nos sempre registar um facto d'essa ordem e apressamo-nos a louvar a iniciativa de tão benemerita sociedade.

A meteorologia era, ha cerca de uns vinte annos, uma parte da fisica, acanhada, de terreno pouco vasto, cujos dominios tentavam, porém, abranger cada vez mais, um espaço maior. Era como que um ilheo, ou archipelago, subjugado ainda por uma grande nação que o dirigia, visto que a autonomia d'aquelle, ainda se não impunha sufficientemente aos olhos das outras nações independentes para que se podesse governar por si mesmo. Hoje, porém, passados esses muitos annos, a meteorologia tem estendido os seus tentaculos de tal fórma, que póde ser considerada uma ciencia perfeitamente definida a que se dá um desenvolvimento lauto, para que deixe de ser encorporada no estudo da fisica, da mesma fórma que o era n'aquelle tempo.

Foi portanto como que um territorio que se tornou independente por já ter condições de vida suficientes para se nutrir a si mesmo, foi, portanto, como que um filho que se separou de seu pae, por já ter chegado á sua maioridade e que, tende a constituir familia, isto é, a subdividir-se em outras ciencias, intimamente ligadas a ella, mas, formam do um grupo á parte.

Eis a esplicação do que dizemos.

Com effeito, ha tempo, ainda, a meteorologia não tinha subdivisões; era estudada com a fisica, precipitadamente, sem quasi se discorrer, da explicação dos fenomenos, visto serem a maior parte d'elles ignorados. Hoje, porém, a meteorologia já tem subdivisões, e são ellas:

1.º *Barometria* onde se estudam as variações das pressões atmosfericas, suas causas e ligações com outros fenomenos meteorologicos.

2.º *Térmometria*, onde es estudam as causas termicas do globo terrestre.

3.º *Higrometria*, onde se estudam o vapor d'agua existente na atmosfera, a sua tensão e causas e ainda outros fenomenos semelhantes.

4.º *Pluviometria*, onde se estuda a precipitação, a evaporação das aguas, etc.

5.º *Anemometria*, ou a direcção dos ventos, sua variação e causas que para isso concorrem.

6.º *Electricidade atmosferica.*

7.º *Fenomenos luminosos.*

8.º *Fenomenos opticos.*

9.º *Nebulosidade atmosferica.*

Como se vê, pois, estes assumptos que eram todos estudados simultaneamente, acham se hoje perfeitamente como que elementos completamente separaveis do todo, como que uns verdadeiros descendentes da ciencia mãe, que é a meteorologia.

Se compararmos o desenvolvimento da meteorologia nos outros paizes, com o mesmo desenvolvimento que tem tomado em Portugal, vemos que o nosso paiz está em sensivel atrazo.

Na Allemanha, abundam os postos meteorologicos, mesmo nas villas de terceira ou quarta ordem, e em Berlim, Hamburgo e outras cidades de 1.ª classe n'esse paiz, existe mais do que um observatorio, afim de precisar bem o clima dos diversos pontos da mesma cidade. Se olharmos para a França, veremos immediatamente o mesmo facto.

Só na capital franceza nos occorre citar os observatorios *Tour Saint Jacques*, *Mont Souris*, *Bureau Central*, *Tour Eiffel*, *Parc Monceau*, *Grand observatoire*, etc., notando-se que em todos elles, os elementos meteorologicos variam bastante, de uns para outros, não só nos elementos termometricos, como na pressão, na quantidade de chuvas, etc. Em Londres, nos Estados Unidos, etc., succede o mesmo.

Mas ainda ha mais. Nos suburbios de Paris, por exemplo, contam-se tambem bastantes estabelecimentos d'este genero, citando nós apenas os de Courbevoie, Ville d'Avray, Ville Juif, Villefranche, Passy, Evreux, Clichy, etc.

Voltemo-nos para Portugal. E que vêmos? Em toda a capital, um só observatorio, o da Escola Polytechnica.

Bem sabemos que a zona occupada por Portugal é muito mais pequena do que das nações que citamos, porém, não tão pequena, que o estudo meteorologico da cidade não carecesse de outros estabelecimentos d'este genero. A temperatura observada perto do Jardim da Escola Polytechnica não é decerto, egual á que se observa na Rotunda da Avenida, no Campo Grande, na Graça, na Estrella, etc. Porque não se pretende fazer o mesmo do que lá fóra?

Se nos viramos para os arredores da capital, onde ainda haveria muito a fazer, não notamos um unico observatorio que nos indique, elementos indispensaveis para a metereologia do paiz. Ha cerca de um anno, o estabelecimento do cabo submarino de Carcavellos faz, por conta propria, observações no Mont'Estoril para serem transmittidas para Londres, mas além de não serem officiaes essas transmissões, são ainda insuficientes, visto não haver estabelecimento proprio para esse fim?

Cintra não éra um ponto tão tentavel para estudos meteorologicos?

Pois, desde 1854 que se imaginou o observatorio da Escola Politechnica e só hoje, passados 53 annos, é que se pensou alguma coisa n'esse sentido, mas para isso foi necessaria a intervenção, não do estado, mas de um particular; é pasmoso, mas é assim! Em tempos, houve na Granja do Marquez, arredores de Cintra, um estabelecimento d'este genero, mas desappareceu, como tudo desaparece em Portugal. Uma corrente arrastou-o para o infinito. Depois d'isso, nada mais se fez a favor do estudo meteorologico da região de Cintra. E' inaudito!

Sabemos que ahi abundam os nevoeiros de verão, a temperatura suave; ahi as chuvas de outomno são mais copiosas do que em Lisboa, mas podemos precizar bem a differença climateria entre uma villa e a capital?

Não, decerto. Não dispomos dos dados para o fazer.

E no resto do paiz que observatorios podemos citar? na tão vasta região que abrange a nossa nação: Montalegre, Gerez, Moncorvo, Porto, Guarda, Serra da Estrella, Tancos, Coimbra, S. Fiel, Villa Fernando, Campo Maior, Vendas Novas, Evora, Beja, Lagos, Faro, e *ça va sans dire*. No total 16.

E Portalegre, Vizeu, Lamego, Leiria, Figueira da Foz, Braga, Guimarães e outras localidades importantes, quando terão a honra de possuir um observatorio?

Pouco se tem feito a proveito da meteorologia de Portugal que tão curiosa é, que n'ella encontramos inteiramente caracterisadas as duas regiões perfeitamente opostas, isto é, a mais chuvosa de toda a Europa (Serra da Estrella 3000 millimetros por anno) e a mais secca (Alemtejo, pontos ainda discutiveis, menos de 250 millimetros por anno).

Esperemos, tambem, que a *Sociedade de Propaganda* que tão util nos tem sido, se lembre tomar a iniciativa, como o fez para Cintra a *Liga Promotora* de propagar o interesse pela meteorologia do nosso paiz, estabelecendo edificios d'este genero ou fazendo com que o Estado os forneça, afim dos nossos climas tão variados serem conhecidos por todos os estrangeiros.

Lembraremos, a conveniencia nos suburbios da cidade de se estabelecerem postos meteorologicos, de caracter permanente, em Cascaes, em Algés, em Paço d'Arcos, etc., hoje praias concorridissimas, e portanto, de maxima utilidade para os banhistas; em Povoa de Varzim, em Setubal, em Alcacer do Sal, em Castello Branco, em Elvas, etc., em summa, em toda a parte onde a ciencia poderá indagar elementos novos e inesperados para averiguação verdadeira da suavidade ou rigidez das estações climatericas extremas. Muito mais teriamos a dizer, mas o artigo já vae longo, e ficaremos por aqui.

Antonio A. O. Machado.

Os portos maritimos de Portugal e Ilhas adjacentes

POR

Adolpho Loureiro

Uma das personalidades que eu mais considero respeito e admiro no nosso meio social, consagrando-lhe com estes sentimentos o da maior e mais dedicada estima, é o sr. conselheiro Adolpho Ferreira Loureiro, e não conheço nem sei que haja entre nós muitos que se possam com elle emparelhar ou equiparar-se lhe no conjuncto de faculdades e predicados que em si reune, quer intelectuaes, quer affectivos, quer de caracter, quer de trabalhador incansavel, sempre productivo, e sempre primoroso orifice, em todas as obras que commette.

Se ensanchas me foram aqui dadas para poder destrinçar e justificar, documentando-as até, todas as premissas da affirmativa que deixo escripta, a bel prazer o faria, mas como tal me não é consentido por falta de espaço, limitar-me-hei, com tal ou qual aperto de coração e de vontade, a em reduzido numero de periodos dizer do meu sentir quanto a sua muita, muitissima valia como laborioso, consciente e infatigavel trabalhador no campo scientifico e como primoroso arrotecedor do campo litterario, harmonisando em radiado conjuncto a excellencia de sua obra em um e outro.

E propondo me sómente a isto fazer, obrigado me vejo ainda a reduzir e encerrar em bem curto ambito os horisontes que vastissimos se me abriam ahi para longo dissertar e bem merecidos applausos, e isto ainda pela rasão atraz exposta.

Das tantissimas publicações por S. Ex.ª feitas, entre as quaes avultam e sobrelevam por seu numero e importancia os numerosissimos e perigrinos estudos por elle effectuados de um semnumero d'entre os principaes portos maritimos das diversas partes do mundo, é a derradeira na ordem chronologica a que se inscreve *Os portos maritimos de Portugal*, fructo e resultado da incumbencia que para elaborar tão improbo trabalho lhe foi commettida por um dos anteriores titulares do Ministerio das Obras Publicas.

São publicados da obra que, sem o minimo favor e só em homenagem á verdade, se póde dizer completa e monumental sobre o assumpto, e que d'este ficará sendo classica, cinco tomos com os respectivos atlas sendo d'elles os tres ultimos dados ultimamente á publicidade.

Os dois primeiros abrangem estudos e trabalhos referentes ao semnumero de portos que a contar desde o de Caminha se abrem no extenso litoral do nosso paiz. D'elles escrevi eu respectivamente no *Correio da Noite* e na *Mala da Europa*.

Os tres ultimos são inteiros consagrados ao porto de Lisboa e o atlas que os acompanha é constituido por 25 mappas cuidadosa e scientemente traçados, elucidativos do texto e completando-o.

Quem compulsa esses volumes ainda que ligeira e superficialmente o faça, compenetrar se-ha, por modo intuitivo e ao mesmo tempo bem seguro e acrisolado, da valia de tão momentoso e sobreexcellente trabalho, e impossivel lhe será o resistir ao dominador e decisivo impulso de vehemente o applaudir, seja qual fôr a face por que o encare, que em todas ellas, quer sob o ponto de vista do mais acurado e fadigoso estudo historico e experimental do vastissimo assumpto, quer sob o seu aspecto scientifico, quer sob sua feição critica, quer e ainda sob a forma eminentemente vernacula e literaria que revestem suas mil tresenta e oitenta e oito paginas, que tantas contam os tres tomos.

Em todos os trabalhos sahidos da penna do sr. conselheiro Adolpho Loureiro verificam-se todos os predicados e qualidades que acabo de assignalar n'este de que estou dando noticia, e salientando se os dois primeiros quando ao valor scientifico de que dá inteiro testemunho em todas as suas modalidades e em seu pleno conjuncto, e no superior criterio que á sua elaboração presidem, a ultima por tal fórma amenisa as paginas de qualquer das suas obras e nomeadamente d'entre d'estas a ultima e as torna enleiantes e enliçantes, que por mais leigo que seja ao assumpto quem as percorra, e por mais difficil e arrepiado que este pareça, o animo se deixa ir e enlevar de seus dizeres, e contra o proposito formado de apenas rastrear o motivo do livro prosegue na leitura e d'ella se não desprende, utilisando lhe instructiva lição.

Se fôra a dar conta de todos os pontos e partes que estes tres volumes consagrados ao porto de Lisboa e enseada de Cascaes versam, desde suas paginas preliminares, em que esboçada uma erudita e primorosa narrativa historica de Lisboa e as vicissitudes que tem atravessado de que d'ella ha memorias, até as ultimas relações sobre suas condições actuaes, especialmente pelo que respeita a seu porto, e ultimas providencias sobre este decretadas, com que termina o terceiro tomo, ser-me-hiam precisas, ainda que abreviada e compendiada essa resenha, longas paginas com que me não é dado contar, e em taes condições bem ao arrepio da boa vontade, tenho que quedar-me por aqui, a não mais me abalançando do que a dizer, expressão sincera e concreta do meu sentir que se não tivera o sr. conselheiro Adolpho Loureiro, como os tantos que conta em sua tão bem aproveitada existencia, documentos com que bem e solidamente abonada e firmada a sua reputação de escriptor sciente e consciente, e como tal de uma das mais puras e radiantes glorias scientificas e literarias do nosso paiz, a isso lhe sagrar e consagrar cabalmente bastante este vasto, luminoso e acabado monumento por elle erecto com e para honra e prol do nosso Portugal, no estudo e resolução de um dos problemas que mais interessam o seu futuro, qual o de dar vida e movimento aos tantissimos portos que em todo o seu litoral se abrem e pódem ser fonte de inapreciaveis riquezas.

Quem se dér ao prazer de folhear a obra, seguro estou de que não desmentirá este meu opinar e antes o sobrelevará.

Rodrigo Velloso.

NECROLOGIA

General Eduardo Rodrigues Galhardo

Os acontecimentos do dia 1 d'este mez, sempre memoraveis, causaram tão grande impressão em algumas pessoas sensiveis, ou que estavam doentes, que não puderam resistir ao profundissimo desgosto que as affligiu.

Poderiamos citar aqui os nomes de varias pessoas fallecidas nos primeiros dias depois do attentado de que foram victimas El-Rei D. Carlos e o Principe Real, e cuja morte, como a do general Galhardo, se filiam no conhecimento dos assassinios no Terreiro do Paço.

O general Galhardo morreu ouvindo o toque militar á passagem do funeral do seu soberano, a cujo reinado elle déra a gloria das victorias d'Africa em 1895.

O seu enterro realisou-se no domingo 9. Foi imponente e concorridissimo, demonstrando bem a consideração que o extincto merecia.

Adoecera poucos dias antes, sem maior gravidade. A sua morte causou portanto dolorosa surpreza. Victimara o uma lesão cardiaca, aos 53 annos de edade, pois nascera a 26 de junho de 1845. Era filho do general de divisão Joaquim Antonio Rodrigues Galhardo e de D. Maria da Annunciação Rodrigues Galhardo, e sobrinho do grande historiador Alexandre Herculano. Destinando se á vida militar, foi alumno do Collegio da Luz e cursou a arma de infantaria na Escola do Exercito. Assentou praça em 12 de agosto de 1863, sendo despachado alferes para infantaria 10 em 4 de fevereiro de 1865. Serviu em engenharia e artilharia, passan-

do novamente a infantaria servindo no regimento 11. Foi promovido a tenente em 16 de abril de 1871, a capitão em 23 de outubro de 1877, a major em 17 de março de 1886, a tenente coronel a 23 de abril de 1891, a coronel a 4 de agosto de 1894, e a general em 28 de maio de 1903. Em 1881 foi nomeado commandante da companhia de correcção de S. Julião da Barra. Depois da sua promoção a major, em 1886, foi nomeado chefe do estado maior de inspecção de infantaria, e durante esta commissão foi promovido a tenente-coronel e a coronel. Em 1892, o ministro da guerra Pinheiro Furtado o escolheu para chefe do seu gabinete. Foi commandante dos regimentos de infantaria 2 e 18.

A vida politica do coronel Galhardo não é demasiado extensa. Durante o ministerio presidido pelo conselheiro Dias Ferreira foi eleito deputado pelo circulo de Mafra, relatando e defendendo no parlamento varios projectos militares.

O seu papel mais proeminente, aquelle que o cobriu de gloria, foi o commando da expedição enviada a Moçambique contra o Gungunhana. Era coronel de infantaria 18, quando o convidaram para tomar a direcção das operações contra a rebeldia dos indigenas em Lourenço Marquese em Inhambane. Acceitou immediatamente, e sendo transferido para infantaria 2, começou logo a organisar o corpo expedicionario. Ahi deu provas do seu espirito methodico.

A 7 de novembro de 1895 defrontavam-se as tropas expedicionarias em Coolella com as mangas do mais poderoso potentado da Africa do Sul. A victoria alcançada foi das mais importantes para os resultados d'aquella campanha.

GENERAL EDUARDO RODRIGUES GALHARDO

Regressando a expedição a Lisboa em 19 de janeiro de 1896, aqui foi recebida com as mais vivas demonstrações de enthusiasmo e de triumpho. Algumas semanas depois o coronel Galhardo fez uma conferencia sobre a campanha, no theatro de S. Carlos, a que assistiram el rei, o ministerio, e grande numero de pessoas.

Mais tarde foi o general Galhardo nomeado governador geral de Macau e da India, para onde partiu em 1898, demorando-se além dos três annos do costume. Na India debellou uma sublevação dos *ranes*. Por esse tempo foi nomeado ministro plenipotenciario em Sião, na China e no Japão.

Ultimamente, o extincto desempenhava o logar de director geral da secretaria da guerra. Era ajudante de campo de el-rei, gran-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição, grande official da Torre e Espada, grande official da ordem de S. Bento de Aviz, o primeiro official que teve esse grau. Tinha a medalha de ouro de valor militar, a de prata de bons serviços, a de ouro de D. Amelia, a de serviços no Ultramar, a cruz de terceira classe do Merito Militar de Hespanha e a ordem do Imperio Indico. Em recompensa dos seus assignalados serviços, recebia uma pensão. O malogrado official, tendo desempenhado elevadas commissões, morreu pobre. N'isto está o maior elogio do illustre portuguès.